

GEOGRAFIA NAS MÍDIAS E MÍDIAS NA GEOGRAFIA: CAMINHOS PARA DISCUSSÃO

Geography in the media and media in Geography: routes for discussion

Geografía en los medios y medios en Geografía: caminos para la discusión

Francisco Fernandes LADEIRA– Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP);
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0004-8384>
URL: <http://lattes.cnpq.br/7628330848352320>
EMAIL: ffernandesladeira@yahoo.com.br



RESUMO

Este trabalho busca compreender como os conteúdos estudados pela Geografia Escolar estão presentes em três diferentes tipos de mídias (jornais impressos, televisão e internet) e a maneira como os artefatos midiáticos são incorporados às aulas de Geografia na educação básica. Para tanto, realizamos um procedimento de “revisão bibliográfica”, metodologia de pesquisa que consiste em visitar conteúdos já publicados por outros pesquisadores acerca de um determinado objeto de estudo. Estes conteúdos estão presentes em livros, monografias, artigos acadêmicos, capítulos de livros científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, matérias de jornais impressos, revistas e/ou textos disponíveis na rede mundial de computadores. Em nosso caso, recorremos a estudos já publicados sobre as relações entre mídia e Geografia. Constatou-se que, de maneira geral, as temáticas estudadas pela Geografia são apresentadas na mídia de forma superficial, distorcida e tendenciosa. Por outro lado, a inserção de diferentes linguagens midiáticas no ensino de Geografia na educação básica, caso seu uso como mera ilustração seja superado, se mostra um procedimento auspicioso, pois pode auxiliar os alunos na compreensão da produção do espaço (em suas múltiplas dimensões) e contribuir para a formação de leitores críticos em relação aos discursos midiáticos.

Palavras-chave: Discurso midiático; Educação básica; Metodologias; Sala de aula.

Histórico do artigo

Recebido: 10 junho, 2023

Aceito: 17 julho, 2023

Publicado: 22 agosto, 2023

ABSTRACT

This work seeks to understand how the contents studied by School Geography are present in three different types of media (printed newspapers, television and internet) and the way in which media artifacts are incorporated into Geography classes in basic education. To this end, we carried out a procedure of “bibliographic review”, a research methodology that consists of revisiting content already published by other researchers about a given object of study. These contents are present in books, monographs, academic articles, chapters of scientific books, master's dissertations, doctoral theses, articles in printed newspapers, magazines and/or texts available on the world wide web. In

<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/index>

our case, we resorted to previously published studies on the relationship between media and Geography. It was found that, in general, the themes studied by Geography are presented in the media in a superficial, distorted and biased way. On the other hand, the insertion of different media languages in the teaching of Geography in basic education, if its use as a mere illustration is overcome, proves to be an auspicious procedure, as it can help students to understand the production of space (in its multiple dimensions) and contribute to the formation of critical readers in relation to media discourses.

Keywords: Media discourse; Basic education; Methodologies; Classroom.

RESUMEN

Este trabajo busca comprender cómo los contenidos estudiados por Geografía Escolar están presentes en tres tipos diferentes de medios (periódicos impresos, televisión e internet) y la forma en que los artefactos mediáticos se incorporan a las clases de Geografía en la educación básica. Para ello, llevamos a cabo un procedimiento de “revisión bibliográfica”, una metodología de investigación que consiste en revisar contenidos ya publicados por otros investigadores sobre un determinado objeto de estudio. Estos contenidos están presentes en libros, monografías, artículos académicos, capítulos de libros científicos, disertaciones de maestría, tesis doctorales, artículos en periódicos impresos, revistas y/o textos disponibles en la red mundial. En nuestro caso, recurrimos a estudios previamente publicados sobre la relación entre medios y Geografía. Se constató que, en general, los temas estudiados por la Geografía son presentados en los medios de comunicación de manera superficial, distorsionada y sesgada. Por otro lado, la inserción de distintos lenguajes mediáticos en la enseñanza de la Geografía en la educación básica, si se supera su uso como mera ilustración, resulta ser un procedimiento auspicioso, en tanto puede ayudar a los estudiantes a comprender la producción del espacio. (en sus múltiples dimensiones) y contribuir a la formación de lectores críticos en relación con los discursos mediáticos.

Palabras clave: Discurso mediático; Educación básica; Metodologías; Aula.

1 INTRODUÇÃO

É praticamente consenso entre estudantes, pesquisadores e professores, a premissa de que os conteúdos, conceitos e conhecimentos abordados pela ciência geográfica não se restringem aos espaços formais de aprendizagem, pois também estão presentes em outras instâncias da sociedade, como, por exemplo, nos diferentes tipos de mídias (cinema, jornais, revistas, televisão, internet etc.)¹.

Em produtos da indústria cultural – filmes, seriados e telenovelas – percebemos realidades distantes de nossos espaços geográficos de convívio cotidiano. Nos jornais

¹ De acordo com Mallmann (2010), sob o aspecto fonético, “mídia” é a representação do termo inglês *media*, originário do *latim midium* (cujo plural é *media*). Como significado, mídia, desde suas primeiras definições, remete a meio, espaço intermediário ou local onde tudo converge. Comumente, seu uso se refere ao conjunto dos meios de comunicação, o que inclui jornal, rádio, televisão, cinema e internet (FERREIRA, 1999).

impressos, temos diferentes acontecimentos, em variadas escalas. Já na mesma edição de um telejornal, podemos encontrar matérias sobre previsão do tempo, conflitos agrários, desenvolvimento sustentável, desmatamento na Amazônia, ocupação do solo urbano, fontes de energia, meios de transporte, deslizamento de terras em áreas periféricas, poluição atmosférica, contaminação de rios, globalização e conflitos geopolíticos. Na internet, desde que saibamos filtrar seu conteúdo, há uma fonte praticamente inesgotável de pesquisa e informações geográficas.

Diante dessa realidade, não é por acaso que, em cursos preparatórios para vestibulares e exames afins, professores de Geografia constantemente indiquem aos alunos o contato com textos, reportagens e artigos de opinião publicados em veículos de mídia tradicionais e na internet para que, assim, se mantenham “atualizados” sobre os principais acontecimentos no Brasil e do mundo.

De acordo com Ladeira (2018), categorias de análise inerentes à ciência geográfica – como espaço, território, lugar, não-lugar, territorialidade e escalas – também estão presentes no vocabulário utilizado pelos principais veículos de comunicação, com diferentes formas e com diversas acepções.

Desse modo, levando em conta as reflexões tecidas nos parágrafos anteriores, o presente artigo busca compreender como os conteúdos estudados pela Geografia Escolar são abordados em três tipos de mídias (jornais impressos, televisão e internet) e a maneira como os artefatos midiáticos são incorporados às aulas de Geografia na educação básica.

Para tanto, realizamos um procedimento de “revisão bibliográfica”, procedimento de pesquisa que consiste em visitar conteúdos já publicados por outros pesquisadores acerca de um determinado objeto de estudo. Estes conteúdos estão presentes em anais de eventos, livros, monografias, artigos acadêmicos, capítulos de livros científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, matérias de jornais impressos, revistas e/ou textos disponíveis na rede mundial de computadores. Refere-se, portanto, à “base que sustenta qualquer pesquisa científica” (RIBEIRO, 2012, s.p).

Visando abordar a temática proposta de maneira sintética e ordenada, este trabalho, em sua estrutura, além da Introdução, apresenta os seguintes tópicos: Geografia nas mídias, Mídias na Geografia e Considerações finais.

2 GEOGRAFIA NAS MÍDIAS

Antes de analisarmos como os conteúdos estudados pela Geografia Escolar são abordados em diferentes tipos de mídia, é importante frisar que, cada veículo de

comunicação tem características próprias, determinadas peculiaridades que, em última instância, vão definir a forma como representa a realidade e cria narrativas sobre os fatos, podendo influenciar a percepção e compreensão do conteúdo transmitido.

Nesse sentido, McLuhan e Fiore (1967) diziam que “o meio é a mensagem”, isto é, o meio de comunicação utilizado para transmitir uma mensagem é tão importante quanto a mensagem em si. Por exemplo, um livro impresso e uma transmissão televisiva podem comunicar a mesma informação, mas o livro oferece uma experiência mais individualizada, lenta e reflexiva, enquanto a televisão proporciona uma experiência mais imersiva e instantânea, pois, neste veículo, *emissão e recepção ocorrem ao mesmo tempo*, o que traz a necessidade de utilizar uma linguagem simplificada, de fácil compreensão para o público.

O papel da televisão não é necessariamente problematizar os fatos, pois o próprio formato de um telejornal faz com que as notícias não sejam abordadas de maneira aprofundada. Com exceção das grandes coberturas jornalísticas ou reportagens especiais, as matérias de um telejornal têm em média um minuto e meio de duração, tempo insuficiente para fornecer o contexto histórico ou geográfico da maior parte dos acontecimentos. Essa superficialidade no tratamento das notícias impede a prática de um jornalismo mais denso e crítico (LADEIRA, 2018, p. 106).

Não obstante, na mídia televisiva, as coberturas de determinados acontecimentos relacionados à Geografia (como um conflito geopolítico), para prender a atenção do telespectador, tendem à espetacularização, o que significa ser capaz de despertar na audiência os mais variados sentimentos, como ódio, medo, revolta e esperança. Esse tipo de abordagem, baseada mais em aspectos emotivos do que racionais, pode induzir o telespectador a adotar posturas passionais frente aos conteúdos veiculados na televisão, impedindo, assim, análises mais reflexivas e aprofundadas sobre os fatos.

Por outro lado, Thompson (1998) afirma que as imagens e textos televisivos criaram uma “mundialidade mediada”, responsável por alterar nossa compreensão de mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal. Conseqüentemente, os horizontes geográficos de nossa compreensão se dilatam vertiginosamente, uma vez que eles não precisam mais estar presentes fisicamente nos espaços onde os fenômenos observados acontecem.

Na sociedade contemporânea, a ideia de espaço envolve, primordialmente, o encurtamento das distâncias, o planetário, o mundial. A mídia faz circular uma percepção geográfica de que o espaço-mundo está disponível para o cidadão comum de forma instantânea. Tem-se a impressão de que a mídia está a todo tempo construindo pontes sobre o espaço e criando uma ambiência pela qual tudo pode ser visto, conhecido e divulgado por intermédio dos fatos e das notícias (GUIMARÃES, 2007, p. 58).

Já o jornal impresso, apesar de não noticiar os fatos no mesmo momento em que ocorrem, apresenta enfoques mais interpretativos, com contextualização maior dos acontecimentos em suas causas e consequências.

Numa única edição de um jornal estão presentes várias temáticas inerentes à Geografia Escolar, em suas múltiplas escalas, desde o âmbito local ao global. Em reportagens locais, jornais impressos geralmente cobrem notícias e eventos que acontecem em uma área geográfica delimitada. Em artigos e editoriais, há discussões sobre tópicos como mudanças climáticas, desastres naturais, migração, urbanização, desenvolvimento regional, recursos naturais, conservação ambiental e geopolítica. Além disso, os jornais também costumam apresentar uma seção de previsão do tempo, que geralmente é baseada em informações geográficas, o que inclui mapas, gráficos sobre temperatura, precipitação, ventos e outras variáveis atmosféricas.

No entanto, ao analisar como questões climáticas são abordadas em jornais do estado da Bahia, São José (2019) constatou os seguintes equívocos: informações desconexas sobre a variabilidade natural de precipitações, atribuição de características de climas áridos e desérticos ao clima semiárido, apresentação dos conceitos de clima e tempo como se fossem intercambiáveis e notícias alarmistas e sensacionalistas a respeito de fenômenos como “seca” e “aquecimento global”.

Também é imprescindível destacar que esses “enfoques mais interpretativos” dos jornais impressos não se tratam, necessariamente, de construções discursivas neutras, despretensiosas e/ou objetivas. Conforme observou Ladeira (2018), em procedimento de análise do discurso (relacionado aos conteúdos dos noticiários da grande imprensa brasileira), os editoriais, matérias, reportagens especiais e artigos de opinião dos maiores grupos de comunicação do país não atendem às demandas da coletividade, representam apenas os interesses de seus anunciantes e financiadores.

A mídia procura aparentar imparcialidade, porém o repertório lexical por ela utilizada, a concessão de mais espaço a uma notícia em detrimento de outras, a maneira como é desenvolvida a cobertura de um acontecimento, a escolha do título de uma matéria e os critérios para o posicionamento de uma foto são exemplos de posturas que deixam transparecer posicionamentos ideológicos e eliminam a ideia de uma possível neutralidade da informação [...] Ao contrário do preconizado pela “Teoria do Espelho”, as coberturas jornalísticas não são reflexos fidedignos da realidade, capturados objetivamente, sem nenhum tipo de interferência do olhar do observador. Os noticiários são construções sociais sobre a realidade que ganham materialidade através de determinadas práticas discursivas. Valores subjetivos e a maneira de conceber o mundo do

produtor de uma notícia certamente vão influenciar, de alguma maneira, a construção de seu texto (LADEIRA, 2018, p. 246).

Por fim, a internet, última grande invenção humana na área comunicacional, possui certas peculiaridades comunicacionais. Diferentemente das mídias antecedentes, na rede mundial de computadores, todos os seus usuários não são *apenas consumidores de informações* produzidas por alguns poucos veículos; também são *potenciais produtores/distribuidores de conteúdos*².

O espaço virtual representa uma fonte de pesquisa incomensuravelmente maior do que qualquer outro meio. Dados citados por Castells (2014) indicam que 97% da informação existente no planeta está digitalizada, sendo que, deste percentual, 80% está disponível na internet e em outras redes.

Hoje a humanidade coletivamente tem a capacidade de armazenar aproximadamente 300 exabytes de informação. Isso é, aproximadamente, a quantidade total de informações existentes no DNA de uma pessoa, que equivale a 80 Bibliotecas de Alexandria por pessoa (GABRIEL, 2013, p. 26).

É fato que, com o advento da internet, a produção e o contato com determinados conteúdos geográficos se tornaram cada vez mais acessíveis às pessoas para além de profissionais especializados – indubitavelmente, um considerável ganho no que diz respeito à liberdade de informação.

Todavia, parcela considerável desses conteúdos é produzida sem observar os mínimos critérios de qualidade, verificação das informações ou visa a intencionalmente confundir os usuários das mídias digitais, contribuindo para o fenômeno da desinformação.

Desse modo, é corriqueiro nos defrontarmos na rede mundial de computadores com determinadas linhas de pensamento que contradizem conhecimentos geográficos estabelecidos há séculos, como, por exemplo, a chamada “Teoria da Terra Plana”.

Conforme apontam estudos (NEWTON, 1974; GAUSS, 2005) e imagens capturadas por satélite, o modelo mais adequado para expressar o formato da Terra é o geóide, forma geométrica aproximadamente esférica, mas que apresenta diversas deformações, diferenças de gravidade em vários de seus pontos e acúmulo de massa de maneira irregular ao longo de seu volume total.

² Sobre a internet, Santos (2013) argumenta que a revolução tecnológica propiciada por este meio trouxe mudanças profundas e significativas nas diferentes formas como produzimos, consumimos e nos relacionamos com o espaço. As tecnologias digitais, juntamente com os sistemas de transporte e comunicação, reconfiguram a organização espacial da sociedade, criando um novo meio técnico-informacional, caracterizado pela capacidade de processamento, armazenamento e transmissão rápida de informações, bem como pela expansão das redes de comunicação e a integração global.

Entretanto, para os “terraplanistas” (como são conhecidos os adeptos da “Terra Plana”), nosso planeta possui uma forma achatada, sendo coberto pelo firmamento em formato de domo (cúpula).

Para sustentar seus argumentos, os terraplanistas afirmam que não existe gravidade. O Polo Norte está localizado no centro do planeta, que tem o formato de um disco circular. As estrelas estão “presas” ao céu. O Sol tem apenas 51,5 km de diâmetro e fica a 5 mil km de altitude, funcionando como uma espécie de lanterna que ilumina cada porção do planeta em momentos determinados. A Lua é somente quatro vezes menor do que a Terra (com 3.476 km de diâmetro) e está a 384.400 km de distância de nosso planeta. Ao contrário da perspectiva heliocêntrica, para os terraplanistas, Sol e Lua estão “dentro” de nossa atmosfera e giram em torno da Terra. A Antártida é um paredão de gelo, que serve de moldura para a superfície terrestre, segurando a água dos oceanos.

Pesquisa conduzida pelo Instituto Datafolha, em julho de 2019, apontou que 7% dos brasileiros acreditam que o formato da Terra é plano (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019). No ano anterior, haviam 30 grupos, 30 páginas e 50 comunidades no Facebook dedicadas a divulgar as ideias terraplanistas. Estas páginas, grupos e comunidades contavam com mais de 30000 membros. Não por acaso, em uma página do Facebook, direcionada a profissionais da educação, observamos a seguinte declaração de um professor de Geografia:

Tenho vários alunos terraplanistas: já li livros, mostrei imagens, vídeos e eles não acreditam que a Terra é um geoide. E agora?

Do mesmo modo que a “Teoria da Terra Plana”, são notórias as falsificações geopolíticas no espaço virtual, como a associação entre nazismo e extrema esquerda, a premissa de que o Foro de São Paulo teria como objetivo implantar regimes comunistas na América Latina ou teorias conspiratórias como “globalismo”, “religião biônica mundial” e “nova ordem mundial” (nesse caso, não se referindo ao rearranjo das relações internacionais no pós-Guerra Fria)³.

³ “Foro de São Paulo” é a denominação pelo qual ficou conhecida a conferência criada em 1990 por partidos e movimentos sociais de esquerda da América Latina e Caribe, como o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista Cubano. Seus principais objetivos são propor alternativas às políticas neoliberais e promover a integração latino-americana no âmbito econômico, político e cultural. Ao contrário do que é divulgado por alguns usuários de redes sociais, o “Foro de São Paulo”, não era uma “organização secreta” até 1997, não há a participação das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) como membro efetivo ou tampouco esta conferência visa à implantação do comunismo na América Latina. “Globalismo” é um suposto processo revolucionário cujo objetivo é implementar uma “Nova Ordem Mundial”, comandada por um governo global comunista. Para ser viável, este governo precisaria impor ao mundo uma nova fé, em

Sobre as falsificações geopolíticas presentes na internet, no mês de março de 2019, em uma rede social, ao comentar um texto que aborda a influência de *youtubers* junto ao público de maneira geral, e aos estudantes, em particular, um professor de Geografia relatou a seguinte experiência ocorrida em sala de aula:

E dão um trabalho danado nas aulas de Geografia. Dia desses falávamos sobre trabalho e consumo, óbvio que Karl Marx entrou no assunto, a “ditadura do Maduro” entrou na pauta, e óbvio que o Nando Moura e o cara do “Mamãe Falei” também apareceram na conversa, através de uma aluna. O problema é que ela tomou conta da aula falando muito, falando alto, gesticulando e, pra variar, vomitando besteiras e clichês. Tive de ser grosso e enquadrar a criatura. Lembrei que ela só tinha 15 anos, ainda mal conhecia a intrincada história política do Brasil, menos ainda as complexas relações da geopolítica do petróleo e que devia baixar a bola dessas certezas todas. Os colegas dela agradeceram e pudemos continuar a debater os temas. Chato isso né? Mas fazer o que?⁴

Não cabe aqui discutir sobre a atitude do professor. Afastaríamos de nosso escopo. Contudo, este caso demonstra a grande influência exercida pela internet na formação intelectual de parcela considerável dos estudantes brasileiros.

Sendo assim, utilizar apenas a internet como fonte de pesquisa e/ou estudo pode trazer efeitos negativos, que não devem ser menosprezados pelos profissionais da Educação. Portanto, é fundamental que o professor reflita e reconheça o caráter dialético deste meio de comunicação. A internet propicia um auspicioso meio para que grupos sociais que dificilmente têm acesso aos tradicionais veículos de comunicação de massa possam divulgar suas ideias em larga escala. Consequentemente, o ciberespaço pode se constituir em agente de libertação, pois permite que textos e imagens de todos os tipos circulem livremente sem passarem pelo crivo de qualquer editor, redator ou censor (LÉVY, 1998).

Por outro lado, qualquer pessoa – independentemente de sua postura política, crença religiosa e filosofia de vida – desde que tenha acesso à rede mundial de computadores, pode editar imagens, fazer montagens, produzir vídeos tendenciosos ou reverberar falsas notícias em larga escala.

substituição a “moral judaico-cristã”. Trata-se da “Religião Biônica Mundial”, simpática ao aborto e à “normatização” da homossexualidade entre crianças (METEORO BRASIL, 2019).

⁴ Nando Moura e “Mamãe Falei” (codinome de Arthur Moledo do Val) são *youtubers* que fazem parte do movimento conhecido como “neocons” (novos conservadores).

3 MÍDIAS NA GEOGRAFIA

Feitas as devidas observações sobre como a Geografia está presente nas mídias, neste tópico abordaremos algumas possibilidades de incorporação de materiais midiáticos às aulas de Geografia na educação básica.

Antes de trabalhar com as mídias em sala de aula, é fundamental que o professor tenha em mente que os discursos midiáticos e os discursos geográficos possuem peculiaridades próprias: utilizam linguagens específicas, diferentes abordagens acerca da realidade e, principalmente, são direcionados a públicos distintos.

Como as mensagens emitidas pelos grandes veículos de comunicação destinam-se a um público amplo (formado por indivíduos dos mais variados níveis sociais, educacionais, etários, cognitivos e econômicos) sua linguagem deve ser a mais acessível possível. Além disso, a própria estrutura dos meios de comunicação de massa - limitação do número de páginas de um jornal impresso ou o tempo de duração de um noticiário televisivo - impede abordagens aprofundadas sobre os diversos acontecimentos geográficos (LADEIRA, 2023).

Já os conteúdos da Geografia são pautados pela abordagem científica sobre os múltiplos fenômenos espaciais, seja através dos conceitos-chave da disciplina (anteriormente elencados), seja por meio do chamado “raciocínio geográfico”, a partir dos seguintes princípios: localização, conexão, extensão, causalidade, arranjo e ordem, analogia e diferenciação (CASTELLAR; DE PAULA, 2020). Sendo assim, diferentemente dos discursos midiáticos, os discursos geográficos caracterizam-se pelas análises e reflexões aprofundadas sobre a realidade.

Enquanto um conflito geopolítico, por exemplo, será brevemente relatado nos noticiários internacionais (geralmente sem mencionar suas causas); nos estudos geográficos, pelo contrário, serão analisadas suas múltiplas facetas: condicionantes históricos, dimensões espaciais, principais características dos atores sociais envolvidos, possíveis relações com o contexto econômico etc. (LADEIRA, 2023, p. 148-149).

Lembrando Leão e Carvalho (2008), desde que o referencial para a sua reflexão seja o conhecimento geográfico, o professor pode transformar qualquer texto midiático em material útil para a sua prática didática, pois não é a mensagem contida na mídia que dá sentido ao ensino da Geografia, mas o contrário. As instituições escolares devem estar preparadas para incorporar a linguagem dos grandes meios de comunicação, servindo-se

dela sem ser por ela dominada. Tampouco o educador deve, meramente, desconstruir ou referendar as ideologias presentes na mídia.

Não é incomum professores do ensino fundamental e médio recomendarem aos alunos a leitura de jornais para que “conheçam a realidade”, “saibam o que está acontecendo no mundo”, “estejam ligados no que ocorre nos lugares”. Essa sugestão, sem algumas advertências paralelas, produz efeitos negativos. Associar de imediato a informação mediatizada à realidade faz crer numa transparência, ou seja, na correspondência absoluta entre o texto e o fato (BARROS FILHO; MEUCCI, 2016, p. 159).

Logo, torna-se necessário conhecer a linguagem midiática para que professores e alunos sejam interlocutores ativos e não receptores passivos dos discursos difundidos pelos meios de comunicação de massa. Portanto, espera-se que o professor possua noções satisfatórias sobre as possibilidades e restrições dos suportes midiáticos que pretende utilizar em sala de aula, levando em consideração os elementos básicos do processo de comunicação – o saber, o discurso, as imagens e a escrita – e suas inter-relações com fatores políticos, econômicos e tecnológicos.

Para Fischer (2007), conhecer os processos de produção de materiais audiovisuais, as diferentes formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações de programas de televisão, filmes, vídeos e textos da internet são práticas eminentemente pedagógicas e indispensáveis ao educador contemporâneo. Trata-se, assim, de apreender cada artefato midiático de maneira holística, em sua concretude histórica, comunicacional, mercadológica, política, e também como material que é produzido e veiculado de acordo com um determinado aparato técnico que, por si mesmo, também produz efeitos em nós.

Nesse momento de seleção do material midiático, o professor tem que saber qual Geografia pretende ensinar. A que busca elucidar os fatos, ao se estabelecerem causas e consequências? Ou a que se apoia no material produzido pela mídia para vender uma ideia ou concepção de mundo? Ou, ainda, trata-se apenas de usar o espaço da aula de Geografia para a exibição de um jornalismo espetáculo? Sem o espaço da resignificação da linguagem midiática, a aula de Geografia serve de aluguel para o discurso da mídia; configura-se assim um processo de desterritorialização da Geografia. Resumidamente, isso significa que, na seleção e incorporação do material midiático, o professor deve estar seguro do que pretende, ao ensinar Geografia (LEÃO; CARVALHO LEÃO, 2008. p. 42).

A associação entre jornal e ciência geográfica, desde que realizada de forma crítica e reflexiva, pode trazer contribuições significativas ao processo de ensino e aprendizagem. Como dito no tópico anterior, em uma única edição de um periódico geralmente estão

presentes várias temáticas inerentes à Geografia Escolar. Assim como as aulas desta disciplina, o jornal está entremeado de cotidianidade, de relações sociais e com a natureza e, principalmente, de percepção sobre a produção do espaço (CYGAINSKI, 2012).

Segundo Katuta (2009), a utilização de jornais impressos em sala de aula pode auxiliar os estudantes no entendimento da produção do espaço em suas múltiplas escalas, pois este veículo de comunicação registra, sob as mais variadas perspectivas, as geograficidades em nível local, regional e global.

Por sua vez, Gonçalves (2004) ressalta que a prática de leitura de um jornal no ambiente escolar costuma despertar a atenção dos alunos, haja vista que tal mídia aborda temáticas atuais e de interesse público, contém abordagens dos fatos ocorridos no mundo e enfatiza grandes questões da vida política e social.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos acrescentar que mapas temáticos, ilustrações e infográficos, entre outros recursos ilustrativos presentes em jornais, ao expressarem informações que aliam texto e imagem, podem auxiliar o professor em suas explicações sobre conflitos e fatos geopolíticos atuais que ainda não estão contemplados pelos livros didáticos.

Jornais e revistas, ao relatarem um fato, como, por exemplo, o conflito entre Judeus e Palestinos, não se limitam a informar os últimos acontecimentos; é comum a publicação de quadros com a cronologia da guerra. Jornais e revistas reconstróem os acontecimentos. [...] Na imprensa escrita, além de buscar as informações sobre o fato, o professor terá uma oportunidade maior de comparar as diversas opiniões de intelectuais e especialistas. Em editoriais, colunas e entrevistas o fato é abordado com mais profundidade, o que permitirá ver o mesmo fato próximo de sua totalidade e sob vários ângulos (LEÃO; CARVALHO LEÃO, 2008, p. 63-64, 68).

Todavia, como todos os artefatos didático-pedagógicos utilizados no ensino de Geografia, é importante que mapas temáticos e infográficos sejam incorporados de maneira planejada, de modo que possam agregar valor às informações presentes em um determinado texto e não se constituam em meras decorações de páginas. Em outros termos, é preciso trabalhar com os materiais de jornais em sala de aula não somente como textos para leitura, mas, sobretudo, entendê-los como textos para estudo, conforme esclarece Souza (p. 93, p. 2006):

O leitor crítico vai muito além da decifração de palavras ou frases, não se contenta com o sentido primeiro que lhe chega a partir dos sentidos. Ele deve ser capaz de indagar, reconhecer possíveis sentidos, investigar a

intencionalidade do autor da mensagem, mas também fazer cruzamentos com seu próprio acervo de vida. O leitor crítico é co-autor da mensagem, pois produz sentidos dentro das possibilidades que as mensagens, com suas formas e conteúdos, oferecem.

Outro recurso frequente nas práticas pedagógicas é a televisão. Para Ferrés (1996), incluir a televisão ao cotidiano escolar pode tornar o processo de ensino significativo para o aluno, pois o ato de assistir a TV geralmente é uma atividade a que ele dedica parte considerável de seu tempo e, sendo a televisão um elemento decisivo na formação do imaginário coletivo das novas gerações, aprender a partir deste meio de comunicação facilitará e reforçará a aprendizagem, prolongando o processo educacional para além dos muros escolares.

Segundo Napolitano (1999), a introdução de recursos televisuais em sala de aula deve vir acompanhada de materiais de apoio (textos introdutórios, textos geradores, fichas, roteiros de análise etc.) que proporcionem breves exposições sobre as temáticas em discussão. No entanto, é fundamental que a escola não reproduza simplesmente a forma corriqueira pela qual se assiste a TV. Como a tendência inicial dos alunos é conceber essa fonte de aprendizagem como uma continuação do ato cotidiano de se postar em frente à TV, caberá ao professor se apropriar dessa expectativa para transformá-la em uma atividade pedagógica.

Assim, o estudante perceberá que a experiência com o material televisivo está articulada ao conteúdo disciplinar, e não se trata de mera atividade de ilustração, vazia de sentido próprio. Para tanto, é fundamental que o professor procure trabalhar em sala de aula a maneira pela qual um programa de televisão aborda um determinado tema, como organiza a “realidade” social e, no caso de telejornais, reconhecer seus códigos, linguagens, estratégias, desenvolvimento narrativo, articulação texto/imagem e suportes de comunicação.

Já a internet proporciona novas possibilidades para transformar a sala de aula em um território geográfico que se abre para o mundo. Segundo Giordani (2016), as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) – como computadores, *tablets* e *smartphones* – podem materializar janelas para um conhecimento “infinito”, permitindo viajar para lugares distantes, buscar, conhecer, fazer-se presente em outros espaços, tão distantes fisicamente, porém virtualmente tão próximos⁵.

⁵ Sobre a importância da cultura digital para o processo de ensino-aprendizagem, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta o seguinte trecho: “Quanto mais diversificado for o trabalho com linguagens [no ensino de Geografia], maior o repertório construído pelos alunos, ampliando a produção de sentidos na leitura

De acordo com Belloni e Gomes (2008), ao utilizar pedagogicamente as TDICs, crianças e jovens podem desenvolver novos modos de aprender e novas habilidades cognitivas (muitas vezes desconhecidas ou ignoradas pelos professores) que tendem a favorecer a aprendizagem cooperativa, pois ampliam as possibilidades de interação entre docentes e discentes, em uma rede de relações que facilita a percepção por parte dos alunos de seus próprios processos cognitivos.

Assim, quando trabalhadas adequadamente, as TDICs potencializam as interações no ambiente escolar, criando ambientes de aprendizagem mais dinâmicos e democráticos do que a sala de aula tradicional, favorecendo a aprendizagem colaborativa:

Ambientes de aprendizagem ricos em TIC podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da autonomia, tanto em termos sócio-afetivos quanto propriamente cognitivos. Tais ambientes podem ser informais, em casa, quando as crianças fazem um uso lúdico sem intervenção do adulto, ou percebem que são mais competentes que este; ou formais, na escola, sobretudo se associados a projetos coletivos de aprendizagem de interesse das crianças [...] O uso pedagógico das TIC pode potencializar a motivação e a disponibilidade psicológica para aprender, sem as quais não há aprendizagem. Este potencial é extremamente importante para crianças e adolescentes desfavorecidos, para os quais o acesso às TIC na escola é fonte de sentimentos de auto-estima, condição necessária, embora não suficiente, para a aprendizagem (BELLONI; GOMES, 2008, p. 736-738).

No caso da Geografia Escolar, a incorporação das tecnologias digitais como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem pode proporcionar maior participação, interação e envolvimento dos estudantes, haja vista que, nesse processo, eles tendem a utilizar seus conhecimentos prévios em relação às TDICs para a construção do conhecimento geográfico, o que, conseqüentemente, pode promover um entendimento satisfatório sobre o conteúdo estudado.

de mundo” (BRASIL, 2018, p. 363). Nesse mesmo documento, “na competência específica 4”, relacionada à disciplina Geografia, temos como objetivo: “Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas” (BRASIL, 2018, p.365). Na “competência 5”, há como escopo: “Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia” (BRASIL, 2018, p.365). Na proposta para o ensino médio, como as competências estão distribuídas por áreas de conhecimento, “a competência 4”, da área de ciências humanas e sociais aplicadas, aponta ser necessário “(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais” (BRASIL, 2018, p.563).

As TDIC exercem importante papel mediador na relação entre o sujeito e o objeto a ser conhecido, conferindo-lhe significado. É importante considerar que o professor não fica secundarizado nessa relação: é ele quem vai organizar situações significativas, mediadas ou não pelas TDIC, que promovam a aprendizagem; o que muda é o foco, que deixa de estar no professor para centrar-se na atividade do aluno, que passa a ser promotor, pelo seu protagonismo na relação com o conhecimento, de sua aprendizagem (PEREIRA, 2017, p. 52).

Já no tocante ao exercício da alteridade, prática essencial para o ensino de Geografia, as tecnologias digitais trazem a oportunidade de o aluno estar em contato, ainda que virtual, com comunidades de outros estados ou até mesmo países, o que pode facilitar aos jovens entenderem e aceitarem realidades, culturas e modo de viver que são diferentes dos seus (JARDIM; CECÍLIO, 2013).

Todavia, é preciso superar a visão instrumental e mecanicista sobre a incorporação de tecnologias digitais na educação geográfica, levando em consideração, sobretudo, o fator humano. Nenhum dispositivo digital é capaz de substituir ou mesmo diminuir a importância da presença docente, haja vista que o aluno, em seu processo de construção do conhecimento, precisa de mediadores de conteúdos para melhor organizar todas as informações que recebe.

O uso de diferentes tipos de mídias digitais é inócuo caso o professor não possua a formação, preparo e conhecimento adequados para trabalhá-las em sala de aula. Não adianta introduzir as novas tecnologias nas instituições escolares se as práticas pedagógicas forem obsoletas, anacrônicas, desinteressantes e não dialogarem com os alunos.

Uma aula com o auxílio de tecnologias digitais, mas sem planejamentos e roteiros adequados e bem definidos, pode se tornar uma aula sem propósito, tanto para o aluno, como para o próprio docente. Não basta trocar de suporte didático, sem, em contrapartida, modificar anacrônicas práticas educacionais. Dessa forma, o uso das TDICs não fará seu papel transformador e o professor estará apenas apresentando uma fachada de modernidade, remodelando o “velho” em novos artefatos, pois, a aparente modernidade, pode ocultar um ensino tradicional, repetitivo e cansativo, baseado na mera recepção e memorização de informações desconexas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto aqui apresentado não consiste em uma espécie de compêndio, guia ou

manual de instrução de práticas didáticas pré-programadas sobre como trabalhar com materiais midiáticos na Geografia Escolar (como se fossem possíveis soluções únicas a serem aplicadas em realidades educacionais distintas e complexas). Cientes da falibilidade humana, não consideramos nossas colocações sobre esta temática como herméticas, acríticas, completas ou absolutas. Portanto, como o subtítulo de nosso artigo indica, buscamos apenas elencar potenciais caminhos para as discussões a respeito das relações entre mídias e ensino de Geografia.

Assim, cabe aos professores e professoras – a partir das diferentes realidades escolares e das características de seus alunos – definirem *como, quando e que tipo de material midiático* utilizar em determinadas práticas de ensino. Também é importante que sejam produzidas mais pesquisas acadêmicas sobre as relações entre mídia e Geografia Escolar, abordando, entre outras questões, exemplos de experiências pedagógicas com jornais impressos, programas televisivos e materiais presentes na internet.

No decorrer deste trabalho, partimos da premissa de que as aulas de Geografia podem se constituir em importante espaço de contraponto crítico aos discursos e conteúdos presentes nos diferentes tipos de mídia. Sendo assim, espera-se que o artefato midiático, em sua utilização pedagógica, não seja concebido como mais um recurso complementar, mas como objeto de estudo a ser sistematizado em seu conteúdo discursivo.

Este tipo de material paradidático, por si só, não possui um caráter pedagógico para ser incorporado à dinâmica em sala de aula. Isso significa que uma emissora de televisão não faz um programa sobre a savana africana ou abordando o derretimento de geleiras no Ártico, por exemplo, pensando que tais produções serão utilizadas em aulas de Geografia na educação básica, mas com objetivo de alcançar um público amplo. Somente após a devida mediação docente, as produções midiáticas podem se constituir em suportes para o processo de ensino e aprendizagem em Geografia.

No entanto, se o professor utilizar o material midiático em sala de aula, sem realizar a devida análise crítica, estará compactuando, mesmo inconscientemente, para a propagação de narrativas tendenciosas sobre a realidade. Ou, como já advertem Leão e Carvalho Leão (2008), o docente que incorpora à sua prática pedagógica textos de jornais, programas de televisão e/ou materiais retirados da internet sem promover suas devidas ressignificações, transformará suas aulas em mais uma correia de transmissão para o discurso midiático.

Em última instância, a incorporação de diferentes tipos de mídias em sala de aula é importante não apenas para aproximar o conteúdo didático da realidade dos educandos,

mas, sobretudo, para os incentivar a observar criticamente aspectos geográficos presentes nos conteúdos distribuídos pelos meios de comunicação de massa.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, C. de; MEUCCI A. A defesa liberal da restrição publicitária ao público infantil: ética e educação. In: PROJETO CRIANÇA E CONSUMO. **Criança e consumo: 10 anos de transformação**. São Paulo: Alana, p. 146-161, 2016. Disponível em: https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Crianca-e-Consumo_10-anos-de-transformacao.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

BELLONI, M. L.; GOMES, N. G.. Infância, Mídias e Aprendizagem: Autodidaxia e colaboração. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 717-746, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2018. Acesso em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CASTELLAR, S. M. V.; DE PAULA, I. R.. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 294-322, 2020. Disponível em <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/922>. Acesso em: 8 jun. 2023.

CASTELLS, M.. Manuel Castells – A obsolescência da educação, **Fronteiras do Pensamento**, 7 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eb0cNrE3I5g&t=118s>. Acesso em: 7 jun. 2023.

CYGAINSKI, L. F.. **Geografia e jornal na sala de aula: estudo e proposta**. Trabalho de conclusão de Curso [Graduação em Geografia]. Centro Universitário La Salle – Unilasalle, Caxias do Sul, 2012.

FERREIRA, A. B. de H.. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERRÉS, J.. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FISCHER, R. M. B.. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, Rio de Janeiro, maio/ago. 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **7% dos brasileiros afirmam que Terra é plana, mostra pesquisa**. 14 de julho de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/07/7-dos-brasileiros-afirmam-que-terra-e-plana-mostra-pesquisa.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2021.

GABRIEL, M. C. C.. **Educar – A (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GAUSS, C. F.. **General Investigations of Curved Surfaces**. Mineola: Dover, 2005.

GONÇALVES, L. M.. **Do leitor ao leitor:** Um estudo de caso sobre as insuficiências do jornal em sala de aula no ensino fundamental. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2004.

GIORDANI, A. C. C.. **Cartografia da autoria de objetos de aprendizagem na cibercultura:** potenciais de e-práticas pedagógicas contemporâneas para aprender Geografia. Tese (Doutorado em Geografia). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

GUIMARÃES, I. V.. Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos. **Terra Livre**, Presidente Prudente, Ano 23, v. 1, n. 28, p. 44-66, Jan-Jun/2007.

JARDIM, L. A.; CECÍLIO, W. A. G. Tecnologias Educacionais: aspectos positivos e negativos em sala de aula. 2013. **Anais do XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Curitiba, 2013.

KATUTA, Â. M.. Ensino de Geografia: conceitos, linguagens e mídia impressa. In KATUTA, Â. M., et al. (orgs). **(Geo)grafando o território:** a mídia impressa no ensino da Geografia. São Paulo. Expressão Popular, 2009.

LADEIRA, F. F.. **A geopolítica mundial na mídia:** conceitos, valores e discursos presentes no ensino de Geografia na educação básica. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2018.

LADEIRA, F. F.. Diálogos (possíveis) entre Geografia Escolar e mídia: questões teóricas e práticas. **Boletim Campineiro De Geografia**, 12(1), p. 143-154. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2853>. Acesso em: 7 jun. 2023.

LEÃO, V. de P.; CARVALHO LEÃO, I. A. de. **Ensino de Geografia e Mídia:** linguagens e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

LÉVY, P.. **A máquina universo:** criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MCLUHAN, M.; FIORE, Q. F.. **The Medium is the Message:** An Inventory of Effects. Harmondsworth: Penguin, 1967.

MALLMANN, A. D.. **Mídia fluida:** um estudo midiológico aplicado na BBC. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre, 2010.

NAPOLITANO, M.. **Como usar a televisão na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

NEWTON, I.. **Princípios matemáticos; Óptica; O peso e o equilíbrio dos fluidos.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PEREIRA, A. M. de O.. **O protagonismo do jovem na relação com o conhecimento geográfico:** possibilidades e limitações no uso das tecnologias digitais nas aulas. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2017.

RIBEIRO, J. L. D. Como fazer uma revisão bibliográfica, **Pós-Graduando**, 11 de junho de 2012. Disponível em: <https://posgraduando.com/como-fazer-uma-revisao-bibliografica/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, M.. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico científico e informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SÃO JOSÉ, R. V. de. **A difusão da informação de natureza climatológica na época da seca no semiárido baiano**. Dissertação (Mestrado em Ensino e História de Ciências da Terra) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2019.

SOUZA, L. S. de. **A educação pela comunicação como estratégia de inclusão social: o caso da Escola Interativa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2006.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
